

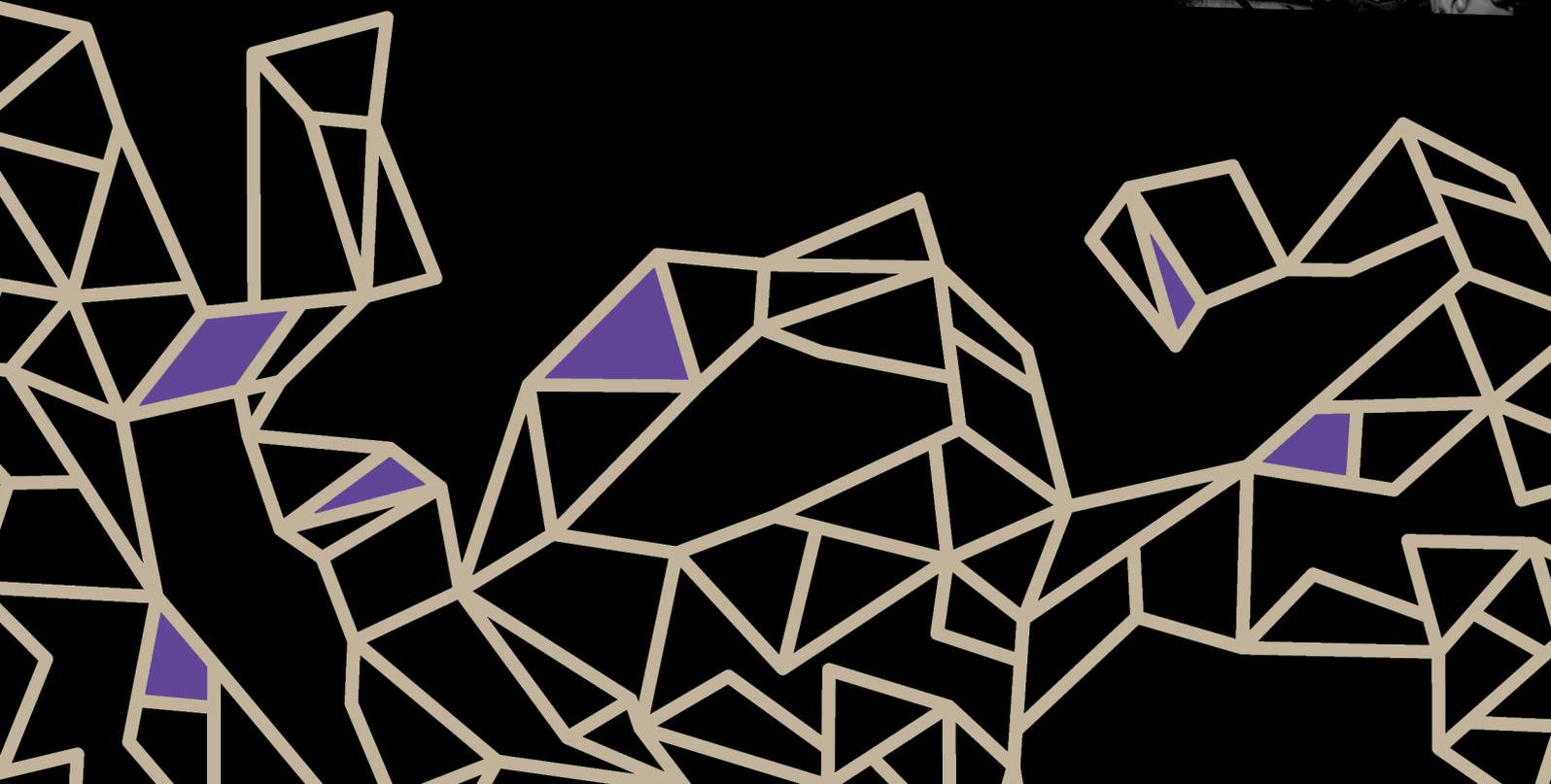


sala preta
ppgac

ENSAIO FOTOGRÁFICO

O Grande Teatro de Paucartambo

Por: Pilar Pedraza





Ponte Carlos III, por onde se pode entrar no povoado.



Praça principal do povoado.

O Q' o n o y

Os dançantes Q'hapac Q'olla começam seu desempenho no povoado na noite de 15 de julho, é a noite de Q'onoy, a noite do fogo. Os Q'onoy acendem fogueiras e fogos artificiais, este é "o primeiro ataque" com o propósito estratégico de recuperar a Virgem. Esse propósito explica a atrevida ação de "incendiar" o povoado, como uma demonstração de força e como um meio de aterrorizar os rivais.







Os Q'hapac Ch'unchu rapidamente reagem. O rei, no comando de seu exército, enfrenta os adversários, garante a defesa do povoado e restaura a ordem, controlando a situação, apagando o fogo e fazendo retroceder o inimigo, que fica frustrado em seu intento de tomar o povoado e levar a Virgem de Carmem.

A S E L V A

Instalados na parte mais alta dessa cenografia efêmera, os Q'ollas distribuem os produtos que trouxeram a Paucartambo na condição de comerciantes. A fim de promover a reconciliação com a cidade depois do Q'onoy, lançam presentes: frutas, jarras de barro, colheres de madeira, cestas, bacias, lavatórios, pequenos bancos de madeira e múltiplos utensílios. Esta ação enganosa que ocorre na selva esconde um objetivo militar.

Os Q'apac Q'olla construíram esse tablado alto como parte de sua estratégia de combate. De lá poderão observar a localização e as posições ocupadas pelos Ch'unchus, e o "gesto amistoso" de oferecer presentes atinge o objetivo de neutralizar momentaneamente os habitantes. É uma tática de combate eficaz para desorientar e ganhar tempo até o dia seguinte, quando se realizará a guerrilha. Assim, finalizada a "selva," os Q'ollas consideram que já conhecem o inimigo de modo suficiente e se preparam para a ofensiva final, a "Guerrilha."





Um personagem costuma ser definido por sua ação, pelo que faz e persegue e pelas estratégias que executa para alcançá-lo. Isso lhe dá um propósito e uma linha que o conduz a uma peripécia que, finalmente, terá um desenlace. No entanto, a base que sustenta o vínculo diante do outro, o espectador, é dada pela simples presença, que gera curiosidade nessa relação espaço-temporal efêmera que tem começo e fim. Essa conexão também pode ser o início de um tecido complexo de relações que não têm necessariamente como objetivo primordial contar uma história baseada em narrativa explícita, com estrutura convencional de exposição – enredo e desenlace. Assim o espectador, estimulado pela *imagem-ação*, pode criar uma ou muitas histórias. Hoje isso é muito frequente no teatro contemporâneo, em que o narrativo não comparece como um objetivo, nem como um caminho unívoco. Muitas propostas teatrais modernas apontam como alternativa o espectador ser parte do processo criativo, como o faz a antiga festa da Virgem de Carmem de Paucartambo.





— G U E R R I L H A —



